

Juventudes e institucionalidades: notas etnográficas sobre a concepção de “organização” entre os *Secundaristas em Luta de São Paulo* na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paula Souza (São Paulo - SP)¹

Carusa Dutra²

Ainda pior é a sujeição da ciência ao preconceito ignorante existente em países dirigidos por ditadores. Tal controle estendeu-se particularmente a livros que tratam do tema da raça e da cultura. (...) A supressão da liberdade intelectual proclama a morte da ciência.

Franz Boas

Em prefácio à edição de 1938 de *A mente do ser humano primitivo* ([1911] 2011, pp. 7-8), o migrante alemão, Franz Boas, colocou em tintas fortes o que à época figurou como “controle” às atividades acadêmicas “particularmente” sobre o “tema da raça e da cultura”. Vivendo nos Estados Unidos da América, Franz Boas escreveu o trecho em epígrafe no mês de janeiro de 1938, nas dependências da Universidade de Colúmbia.

A passagem em epígrafe parece compatível com a discussão no presente texto, sobretudo, pela demarcação clara de consequências factíveis vinculadas a uma pesquisa³ (que este texto integra) cuja etnografia demanda, antes de tudo, uma contínua recusa à “sujeição da ciência ao preconceito ignorante existente em países dirigidos por ditadores”. Isso porque, estar em trabalho de campo, neste caso, demanda deixar de recusar o fato de que o referido “controle” está sim em vigor em medida incompatível com as regras do jogo democrático desde 2005 (Santos, 2017a).

Por fim, apenas registro que o referido “controle” está presente nesta pesquisa desde seu início e “particularmente” agravado a partir de abril de 2016. Para além do mencionado acima, explico que “a supressão da liberdade intelectual”, lida na passagem

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Doutoranda em Antropologia junto ao PPGA/UFPR e professora bolsista junto ao Departamento de Ciências Humanas da UNESP (Campus Bauru).

³ O presente trabalho foi realizado com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. A frase anterior corresponde ao teor do artigo terceiro da Portaria nº 206, de 4 de setembro de 2018, que “dispõe sobre a obrigatoriedade de citação da CAPES”. Certamente, tanto quanto a citação da agência devém obviamente provida de sentido, no mesmo passo, constitui inteiramente desnecessário o teor do artigo quinto: “Art. 5º A falha em obedecer esta norma implicará em mudanças eventuais nos apoios da CAPES para as instituições e pesquisadores envolvidos, a partir de 2020.” (Publicado no Diário Oficial da União em: 05/09/2018, Edição: 172, Seção: 1, Página: 22).

de Boas, dói nos olhos tanto quanto é “com os olhos esgazeados como os de um amante sem esperança” (Hoffmann, [1814] 1993, p. 25) que se segue na sequência da leitura da frase cuja afirmação convoca a deixar de recusar que está em jogo nessa “supressão” – o ato tentativo de “proclamar a morte da ciência” e não só.

Apresentação da etnografia

Este artigo integra pesquisa de doutorado em andamento (2016-2019) junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGA/UFPR). A pesquisa está situada, por um lado, no campo de antropologia das juventudes, particularmente, em seu seguimento dedicado aos estudos sobre a intersecção entre fazeres políticos e fazeres artísticos. Por outro lado, está em interface com o campo de antropologia da política desde o seu seguimento dedicado a uma antropologia do Estado, da burocracia e das instituições. A abordagem está orientada por uma literatura em antropologia das emoções na perspectiva de uma epistemologia da conduta.⁴ O caminho para lidar com o tema da concepção de “organização” entre os *Secundaristas em Luta de São Paulo*, enfocando o recorte na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paula Souza (CPS)⁵, por sua vez, localiza seu ponto de partida na maneira de considerar a etnografia como “contexto” (razão sinal/ruído).⁶

O trabalho de campo foi realizado junto aos *Secundaristas em Luta de São Paulo* entre novembro de 2015 a abril de 2017. Nessa primeira parte, transcorreu de forma contígua no tempo e de modo face a face via de regra. A segunda parte foi realizada entre março e julho de 2018, transcorreu de forma pontual e o modo face a face deixou de ser

⁴ Partindo da primeira publicação de *Naven* (1936; 1958), a problemática da padronização das emoções pela cultura está posicionada como geradora da pulsação inscrita na construção de uma epistemologia da conduta (Bateson, [1972] 2000), que percorre o conjunto da obra deste autor. Um passo na produção de ferramentas analíticas para lidar com esta problemática pode ser lido no conceito de *ethos* (Bateson, 1958): de modo minimalista, trata-se de um sistema culturalmente padronizado de organização das emoções.

⁵ Nome para uma autarquia do governo do estado de São Paulo responsável pela administração das escolas técnicas (ETECs) nesta unidade da federação. O estatuto hierárquico desta autarquia, equivale à Secretaria de Educação do estado de São Paulo enquanto responsável pela administração das Escolas Estaduais (EEs).

⁶ O conceito de “contexto” encontra-se espalhado por sua obra. Por exemplo, desde “Introdução. A ciência da mente e da ordem” em *Steps to an ecology of mind* ([1972] 2000), passando por “A explicação cibernética”, “Redundância e codificação”, “Uma teoria do jogo e da fantasia”; ou em “Um científico social examina as emoções”, “Essa história natural normativa chamada epistemologia” em *Further steps to an ecology of mind* (1991); “A estrutura da contextura”, em *Angels fear* (1987); entre outros. Para conhecer este conceito de “contexto”, vamos ao último livro concluído por Bateson em vida, *Mind and nature: A Necessary Unity* (1979), no qual o autor objetivou expor uma carta de apresentação de seu pensamento dirigida a leitores em geral e não apenas especialistas. No primeiro capítulo, estira o conceito de “contexto”. Poderíamos sintetizar que, nos seus termos, “contexto” é a razão sinal/ruído (Bateson, [1972] 2000, p. 419), conforme reiterado em seu ensaio “Redundância e codificação”. Tal conceito, por sua vez, possibilita produzir inteligibilidade sobre a operacionalização do conceito de “deuteroaprendizagem” (Bateson, 1958) e a maquinaria de seu funcionamento, que será mobilizada mais à frente na presente análise.

prevalente. A partir desse período, passei a reforçar os laços alocados no ciberespaço. Paulatinamente, o contexto (a razão sinal/ruído) foi modificado quanto ao suporte da interação. O modo virtual adquiriu prevalência em relação à mesma posição ocupada pelo modo face a face na primeira parte.

Ao mesmo tempo, a primeira parte constituiu-se por estar junto com *o pessoal*⁷ o máximo de tempo pertinente e possível. A medida de intensidade da convivência esteve no limite da medida de privação de sono possível. Por outro lado, a segunda parte transcorreu por encontros pontuais no modo face a face e conversas via *web* com presença mais frequente. Considerando que o contexto etnografado na primeira parte demandava o indicado convívio intenso, igualmente atenta às metamorfoses do contexto (razão sinal/ruído), já em 2018 outra coisa figurava em campo e indicava a pertinência de configurar novo modo ao padrão de interação cultivado. Já então, entre julho e agosto, fez necessário propriamente construir uma passagem que fosse menos abrupta quanto possível em relação a duas mudanças na estrutura da contextura: 1) modos de interação (passagem da prevalência para estar alocada no ciberespaço); e 2) laços de amizade e vínculos de pesquisa adaptados à distância em relação à cidade de residência entre nós. *O pessoal* permanecia na cidade de São Paulo e região metropolitana e a *etnógrafa* deslocava-se da cidade de São Paulo para a cidade de Bauru (devido à mudança de emprego que se fez tão inesperadamente quanto inadiável). Portanto, a partir de agosto, passamos a habitantes em cidades diferentes, todavia, na mesma unidade da federação.

O nome “*Secundaristas em Luta de São Paulo*” é resultante da combustão em série que reuniu componentes do *Comando das Escolas Ocupadas* (dezembro de 2015), do *Comando das Escolas em Luta* (abril de 2016), e pessoas ligadas diretamente à configuração dos *Secundaristas em Luta de São Paulo* (abril de 2006 aos dias de hoje).

Ao mesmo tempo, integra o conjunto de interlocutores de pesquisa o *Comitê de Pais e Mães em Luta* (CPML). Criado imediatamente após à desocupação⁸ do Centro Paula Souza (CPS), permanece necessariamente ativo até os dias de hoje. Sua razão de

⁷ “Pessoal, jogral...”. Assim iniciavam os inúmeros jograis que presenciei. O vocativo usado entre os *Secundarista em Luta de São Paulo* para se referir aos seus interlocutores de jogral/mediante jogral será raramente presente neste texto. No entanto, assim como nesta frase, *o pessoal* estará se referindo à pessoas junto às quais estudei na produção do trabalho de doutorado, em um sentido, o conjunto de interlocutores de pesquisa/mediante pesquisa.

⁸ Ocorrida entre 4h30 e 7h de 6 de maio de 2016. Sobre a desocupação, não há aqui maneira de incluir no presente texto alguma reflexão em miniatura. Descrição (formato “vinheta etnográfica”) contida em artigo a ser publicado em capítulo de livro (até final de 2018) referente ao IX Seminário Nacional Sociologia & Política 2018. Dutra, Carusa. Culturas juvenis em fazeres políticos: notas etnográficas a partir da ocupação e do pós-ocupação do Centro Paula Souza (São Paulo-SP). Comunicação oral no GT Sociologia da Cultura do IX Seminário Nacional Sociologia & Política. Curitiba: UFPR, maio 2018.

existir advém da agônica necessidade de buscar maneiras para proteger filhos, filhas, amigos e amigas de filhos e de filhas em relação à incessante ocorrência de repressão sob formato passível de denominar por *tortura*. Esta é a designação consensual entre o conjunto de interlocutores.

A sistemática da *tortura* foi designada por *caça aos secundas*. Essa designação surgiu no âmbito do *Comitê de Pais e Mães em Luta* (CPML) e fez sentido também no âmbito dos *secundas*⁹, que a incorporaram ao vocabulário. O início da *caça aos secundas* data do imediato dia subsequente à desocupação do Centro Paula Souza (CPS). O fim da *caça aos secundas* indica estar longe de figurar no horizonte: não há sequer perspectiva de cessar. Sublinho sem demora que a expressão *pós-ocupação* surgiu no contexto do *Comitê de Pais e Mães em Luta* (CPML). Inicialmente, portanto, restringia-se à forma de dizer *caça aos secundas* em versão vocabular compatível com a linguagem jurídica o suficiente para elaboração de denúncias e outras iniciativas em interlocução com a busca de justiça na forma da lei.

No correr dos meses subsequentes, *pós-ocupação* passou a incluir múltiplas atividades reunindo significativa parte dentre as pessoas que ocuparam o Centro Paula Souza (CPS). Assim, o jogo do campo semântico da expressão foi ampliado e transfigurado. Antes, estava restrito à designação da *caça aos secundas*. Depois, passou a designar um período. Período, então, constituído também por experiências lúdicas em coexistência com o horror da *tortura*. Nesse quadro, adquiriu relevo a composição de um grupo de teatro. No correr dos meses, adquiriu corpo menos flutuante e posteriormente foi batizado como *coletiva ocupação*.¹⁰

A *coletiva ocupação* é dirigida, em um sentido, pela *apoiadora* Martha Kiss Perrone, profissional da área de artes cênicas e pontual interlocutora desta pesquisa. Martha somou esforços com o processo das ocupações, sobretudo, via produção de farto registro áudio visual. Para além de suas propriedades específicas a serem analisadas detidamente em momento posterior, os fazeres artísticos (teatro, *performance*, poesia

⁹ Entre os *Secundaristas em Luta de São Paulo*, a gíria é comumente usada por *secundas* (estudantes secundaristas) e *apoiadores* circulantes entre o “tempo da política” e, frequentemente, também ao “tempo do lazer”. Bem entendida, a distinção entre ambas as temporalidades, localizadas na sua condição de componentes do cotidiano, considera essa divisão apenas para fins analíticos, não obstante, amalgamadas nas práticas diárias.

¹⁰ Três peças foram já apresentadas: 1) *Só me convide para uma revolução em que eu possa dançar*; 2) *Revolta Lilith*; e 3) *Quando Quebra Queima*. Em momento posterior, serão analisadas as peças, sobretudo, considerando o teor principal comum a todas elas: elaborar as experiências vividas durante a ocupação por parte dos *secundas* que encenam e, por outro lado, continuar *na luta* pela via dos fazeres artísticos. Para um primeiro contato, indico os seguintes dois links: <https://casadopovo.org.br/coletiva-ocupacao> e <https://www.facebook.com/coletivaocupacao/>

falada, danças insólitas, pintura do corpo de si e do outro, etc.) constituíram um espaço fundamental de contextualizar (formular novos *patterns* que conectam a razão sinal/ruído) tamanha medida de mudanças frenéticas nos *patterns* que conectam a concepção de pessoa, corpo e saúde. Portanto, as “catarses” nesses fazeres artísticos adquiriram imprescindível valor medicinal.

Por exemplo, durante a peça *Quando Quebra Queima* comunicam uma história das ocupações vividas pelos *Secundaristas em Luta de São Paulo*. A informação fundamental a comunicar parece com uma história do “gosto de viver” *na luta* das ocupações. Expressam que um dos legados das ocupações reside no resultado da diferença que localiza um “antes” e um “depois” na maneira de considerar a si próprio na relação corpo/pessoa. Afirmam no decorrer da peça (gravada em áudio), “antes eu era outra pessoa”, “essa pessoa [e apontam uma fotografia em mãos] não existe mais”, “depois de pular os muros, sou outra pessoa”. Portanto, sugiro localizar um dos legados resultantes das variadas naturezas de diferenças concebidas, provisoriamente, nos novos modos de aprender a aprender (deuteroaprender). Em um sentido, novos modos de existência propriamente. Finalmente, observamos estética e política complementando-se desde dimensões moleculares mediante os indicados fazeres artísticos fundidos a fazeres medicinais produzindo convalescença imprescindível à vida simbólica após pular o muro.

Circunscrição da questão

Na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paulo Souza (CPS), adquiriu relevo etnográfico o modo específico de circulação do conjunto de mensagens constituintes desse contexto (razão sinal/ruído) em relação ao conjunto de modos dessa circulação que conformam uma rotina entre os *Secundaristas em Luta de São Paulo*. Por este caminho, “modo específico” responde pelo gesto de inclinar a atenção sobre a presença de uma dinâmica própria a essa ocupação. Tal dinâmica devém distinta, fundamentalmente, pela configuração de dois períodos separáveis no tempo e no espaço vinculados entre si de modo que possibilita interpretá-los como “ocupação” e “pós-ocupação” do Centro Paula Souza (CPS) desde o imediato dia subsequente à desocupação. Portanto, resalto a coerência interna ao conjunto de nexos interligados constituintes de cada uma das duas modalidades de períodos demarcados.

Por esse caminho, o argumento principal do presente texto tem por ponto de partida a consideração de que é possível acessar uma relação estruturante da concepção de organização entre os *Secundaristas em Luta de São Paulo* a partir da análise sobre uma

palavra de ordem constante e consensual no decorrer do trabalho de campo: “*Estudante organizado, perigo pro [sic] Estado!*”. Por seu lado, a constância indicada tem por suporte não apenas o “grito” da *palavra de ordem* durante os embalos de uma coletividade em intensa pulsação conjunta no formato “ato de protesto”. Antes, fundamentalmente, “*Estudante organizado, perigo pro Estado!*” guarda em si elementos decisivos na dinâmica interna à concepção de organização em jogo. Como uma cantoria, deixa-se comunicar por ‘grito em coro’, mas também em silencioso pensamento, formas escritas, pronúncias ritmadas, entre outras modelações contingentes.

Antes de prosseguir, sugiro desempacotarmos um pouco os sentidos focalizados nesta locução: *palavra de ordem*. De modo minimalista, pode ser entendida como um sintagma intensamente presente conformando numerosas coleções. Essas coleções circulam como propriedade comum entre ideários compatíveis. Os *secundas* colecionam palavras de ordem circulantes, por exemplo, na totalidade dos componentes das *Frentes Brasil Popular* e *Povo Sem Medo*. Assim, fez parte de vários atos de protesto dos *Secundaristas em Luta de São Paulo* aquela advertência sob formato lúdico: “*Pisa ligeiro, pisa ligeiro. Quem não pode com formiga, não atice o formigueiro.*”

Provisoriamente, “*palavra de ordem*” parece passível de localização como nome para uma dentre as classes de metamensagens componentes da gramática dos atos de protesto. Esta classe de metamensagens pode ser distinguida pela competência de exprimir não somente ideias por meio de sons articulados. Antes, cada *palavra de ordem* expõe ideários articulados por meio de “modelos reduzidos” (Lévi-Strauss, [1962] 2005). As “peças” de exposição resultantes engrenam no jogo político como recurso comunicativo para demarcar posições em disputa, não obstante, de modo lúdico. Muitas vezes, a formulação possui rima, sinestesia, entre outros recursos estéticos. Para fins de operacionalizar o texto, proponho observarmos a classe de metamensagens nomeada por *palavras de ordem* desde um ângulo passível de focalizar a seguinte acepção: trata-se de uma coleção de artefatos políticos, culturais e sociais talhados por recursos artísticos oriundos da composição poética e musical.

“*Estudante organizado, perigo pro Estado!*”

Inicialmente, perguntaria: nos diz algo a *palavra de ordem* citada em relação ao conjunto de pessoas que lhe insuflou vivacidade? Nos diz algo a respeito dos *Secundaristas em Luta de São Paulo* a circulação de modo consensual e constante da mencionada *palavra de ordem*? Afinal, a condição de “*estudante organizado*”

retroalimenta-se pela afirmação de qual dinâmica produtora da sua continuidade consensual? Uma interrogação a mais parece colocar-se: a condição que aproxima “estudante” de “organizado” devém passível de significar um ordenamento qualificado pelo “perigo pro [sic] Estado” Reformulo: desde o ponto de vista dos *Secundaristas em luta de São Paulo*, “perigo pro [sic] Estado” seria, portanto, um qualificativo inalienável na dinâmica da concepção de organização aqui investigada?

Caminhando um passo adiante, talvez faria sentido perguntar: considerando uma concepção de “organização” inalienável em relação a um específico qualificativo, o “perigo”, então, perigo em relação a que? Por meio de qual dinâmica simbólica “perigo” adquire sentidos nesta formulação pelos *secundas*? No teor que devém concebível entre os *secundas*, parece-me estar em jogo, ao mesmo tempo, uma concepção de organização que se deixa interpelar pelo sentido de “organização-perigo para o Estado” e uma variante desta que se deixa definir pela competência diante da necessidade de “organização do perigo-Estado”.

Já agora, dirigindo renovado olhar sobre a palavra de ordem “*Estudante organização, perigo pro Estado!*”, seu vulto de complexidade afigura-se portador de um bom bocado a mais de variáveis conforme o preciso contexto de uso. Diante disso, parece factível considerar, em um sentido, essa palavra de ordem como uma declaração (um grito) de sobreaviso referente à organização inelutável para sequer haver possibilidade de poder *lutar*. Considerando resolvida a produção e a manutenção da produção de condições suficientes para poder *lutar*, então, passa a coexistir um segundo inequívoco desafio.

Trata-se do aprender a sobreviver às fontes de desestabilização do sistema de retroalimentação da organização (tanto fontes classificáveis como externas quanto as classificáveis como internas ao próprio sistema). Um exemplo: sobreviver à discricionariedade do Estado. Por “sobreviver” entenda-se aqui “continuar apesar das discontinuidades”. Finalmente, conseguir poder *lutar* e aprender a continuar *na luta* emenda-se a um terceiro esforço aqui assinalado: aprender a aprender (deuteroaprendizagem) continuar em resistência *nas lutas*.

O esforço por continuar a produzir presença na arena política aprendendo a aprender fazeres da resistência em relação à *luta* desejada. Isso requer, igualmente, construção de mecanismos aptos à produção de continuidade para a existência da *pauta* de *luta*. Portanto, um dos reguladores da dimensão do *perigo* em jogo advém da localização de *pauta* defendida na arena política.

A *pauta* mais geral entre os *secundas*, de modo minimalista, consiste na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade com fundamental participação popular e aperfeiçoamento do diálogo democrático. O perigo de *lutar* por tal *pauta* (educação) implica, ao mesmo tempo, enfrentar questões de outra ordem (Estado ‘democrático’, a Constituição ‘cidadã’). Ou seja, *lutar* em defesa do direito à “participação” preconizada pelo “diálogo social”¹¹ nos termos de um desejável ideal de democracia. Portanto, a *pauta secunda* de defesa da educação pública, gratuita e de qualidade interpela a validade de dois artefatos políticos, culturais e sociais. 1) O funcionamento próprio das regras do jogo democrático em medida suficiente de compatibilidade com 2) a letra constitucional promulgada em 1988. Isso porque, o direito *pautado* pelos *secundas* supõe a vigência do amplo e irrestrito acesso à educação fixado na Constituição Federal de 1988.

Todavia, será que a formulação *secunda* sobre a *pauta* da educação seria signatária desses dois artefatos considerados em termos jurídicos? Nada disso. Será que contaria com estes dois artefatos culturais, políticos e sociais na posição de fiéis depositários (o Estado democrático, a Constituição cidadã) em relação à *luta*? Nada disso. Proponho manter o faro ligado ao ideário *secunda* presente nas palavras de ordem consideradas no presente texto. Por exemplo, para os *Secundaristas em Luta de São Paulo* “*Só a luta muda a vida*”. Estampam sob formato palavra de ordem esta metagem que posiciona a dimensão da *luta* como fonte para dimensionar a vida de si – cujo desejo de vida modificada “só a luta” satisfaria.

Em uma outra dentre as *palavras de ordem* cultivadas, os *secundas* explicitam em alta voz e numerosas vezes ao longo das marchas em ato pelas ruas da cidade: “*Ei, burguês, a culpa é de vocês!* [sic]”. Trata-se de posicionamento quanto a jamais localizar como “fiel depositário” tais artefatos. Aliás, sequer faz sentido corroborar os termos do direito vigente. O que seria corroborar aquilo que declaram combater: direito burguês que serve à classe dominante e priva de direitos a massa que serve à extração de mais-valia amparada na forma da lei. De maneira mais contundente e direta, lê-se em uma faixa preparada no período de atos contra a Reforma do Ensino Médio: “*Reforma, não! Revolução, sim!*”

Portanto, os paradoxos jurídicos apenas fazem sentido se considerarmos, desavisadamente, que os *secundas* entenderiam por fiel depositária de sua *pauta* principal a Constituição Federal, o Estado brasileiro, o Poder Legislativo ou a integridade das

¹¹ Entendido como suporte da disputa entre posições divergentes quanto às concepções orientadoras de uma tomada de decisão referente, por exemplo, às políticas públicas de educação.

relações entre parlamento e governo em relação à vigência da Constituição. Em relação a estes artefatos culturais, políticos e sociais, os *Secundaristas em Luta de São Paulo* mantêm medida de distância suficiente para relativizar suas prerrogativas de factibilidade, tanto quanto, para interpelá-los como interlocutores necessários na vigência da ordem burguesa. Porém, jamais como conjunto de artefatos “fiel depositário” da *pauta* fundante que enleva a *luta que muda a vida* na direção desejada.

Sugiro que na palavra de ordem “*Estudante organizado, perigo pro [sic] Estado!*” o horizonte de enfrentamento localiza um de seus combates, propriamente, quanto à hegemonia de premissas excludentes em relação ao direito em questão. Ou seja, para além do domínio jurídico, mas também considerando sua forma difusa circulante na sociedade em geral. Assim, processos de tomada de decisão, particularmente, quanto à educação pública conformariam arena de disputas múltiplas. Todavia, a “participação” democrática exigiu dos *secundas* a ocupação de escolas e espaços vinculados. Isso porque, a ação estatal pelo atual governo do estado de São Paulo procedeu arbitrariamente pela supressão da preconizada “participação” que, sistematicamente, havia sido buscada anteriormente pela forma do “diálogo” por parte dos *secundas*.

Uma vez não havendo voz ouvida ou sequer atribuição de voz, já aí, impõe-se um perigo tão antigo quanto a vida pré-colombiana e tão ordinário quanto a vitalidade atual de políticas escravocratas pós-colombiana vigente no Brasil em dias contemporâneos. Essa antiguidade renitente condiz com a “moderna” estruturação da maneira hegemônica atual de conceber a relação de fundamental conflito entre 1) sociedade civil organizada *em luta* por direitos, por um lado, e, por outro lado, 2) o padrão de resposta à “participação democrática” por parte do que devesse “Estado brasileiro”, neste caso, em sua variante paulista exercida na cidade de São Paulo.

Nestes termos, o fato de estar *em luta* na defesa de pautas condizentes com um ideal de Brasil democrático e (proporcionalmente) menos desigual, significa, inexoravelmente, permanecer *em perigo* (proporcional ao resultado da interação entre padrões de exercício estatal do ideário democrático) quanto à inaptidão da força bruta do Estado nacional para praticar um valor democrático na forma da lei. Antes disso, tem lugar o “ecletismo” que corteja o ideário liberal como doutrina econômica e que imprime o ideário escravocrata como doutrina política. Portanto, entre machucar os *secundas* ou violar brutalmente os direitos fundamentais de que dispõem, está o retumbante escárnio desse mencionado “ecletismo” quanto à letra na forma lei.

Desse modo, estar *em luta* x ou y independe mais do que menos. Antes disso, trata-se de encarar o ato de *lutar* ele mesmo como perigo (em sentido difuso) em relação ao padrão de resposta da força bruta e dos demais setores de circuitos de poder oficiais componentes da versão de Estado nacional que interpela a *luta* dos *secundas* e é por ela interpelada. Neste caminho, impõe-se ainda mais presente o perigo que emana do ato de *lutar* uma vez que “viver *na luta*” é um projeto de vida entre a maioria dos *secundas* em interlocução de pesquisa. Não atribuem “amor de primavera” ao assunto. Ao contrário. Portanto, em um sentido, alguma espécie de tragédia ronda a concepção de organização-perigo oriunda deste contexto etnográfico.

Nesse percurso analítico, já agora, não se pode deixar de explicitar que “organização-perigo” (em sentido difuso) configuraria um vazio de sentido na medida em que a totalidade das formas de organização dedicadas à *luta* em defesa de “diminuir o perigo de viver”, escrevia Guimarães Rosa, todas elas, são objeto de discricionariedade do Estado. Isto é, a totalidade da “participação democrática” mediante “organização” *de luta* constituiria dramático aumento da gravidade do “perigo de viver”. Isso porque, o mesmo signo de “organização-perigo”, nestes termos, funde-se ao signo de *luta*.

Mas não é sobre o indicado sentido difuso e seu vazio de sentido que nos debruçamos aqui. Mesmo assim, vale alargar as estacas analíticas rapidamente e propor sem demora: “organização-perigo” seria uma condição de existência prévia às perspectivas de sequer ansiar por dispor de uma organização combativa. Combatividade em relação à defesa de condições de existência cuja medida de vulnerabilidade, inexoravelmente, deve possibilitar elaborar e executar respostas às determinações das ardilosas contradições das desigualdades sobre os projetos de vida. Neste caso, projetos de vida a partir da condição juvenil e suas variantes situações juvenis.

Por fim, proponho considerar a modelagem do que devesse ‘organização’ na palavra de ordem “*Estudante organizado, perigo pro Estado!*” como modelagem entre ‘organização-perigo’ e ‘Estado-perigo’. Todavia, a prevalência de significado repousa sobre a afirmação de ‘organização-perigo’ em relação ao que devesse ‘Estado’. Esse seria, talvez, o sentido primevo cultivado pelos *Secundaristas em Luta de São Paulo* na concepção de organização considerada desde suas dimensões moleculares. No mesmo passo de torná-la concebível, está o gesto de conferir-lhe o atributo de “perigo”. Já agora, perigo em relação a que? Primeiro, em relação a uma difusa formulação do fluxo

cotidiano encarado como “presa” da ordem burguesa e do liberalismo político¹². Essa maneira de encarar o cotidiano integra a construção do que devesse “Estado” visto pelos *Secundaristas em Luta de São Paulo*. Desde este ponto de ver, o “estudante” configura-se “organizado” em relação periclitante tanto ao fluxo cotidiano do governo denominado por liberalismo doutrinário quanto do governo denominado por autoritarismo instrumental.¹³

Considerações finais

A *ocupa* do Centro Paula Souza (CPS) durou oito dias, todavia, não acabou. Certamente, em um sentido, todas as ocupações não “acabaram”. Os legados são múltiplos e estão esparramados pelo Brasil por onde quer que tenha havido *secundas de luta* a “*Ocupar e resistir!*”. Claramente, é possível afirmar, os frutos do processo das ocupações seguem brotando, fertilizando, pólen espalhando. Mas não é dessa ordem de consequências agradabilíssimas que se trata aqui. No conjunto de legados, coexiste a repressão com pretensão de legitimidade. Na *caça aos secundas* está um “gosto de viver” *na luta* com sabores de “deleitoso horror”.

Conforme indicamos, *a caça aos secundas* nunca acabou. Focalizo aqui essa continuidade em sua condição de signatária do padrão de conduta do Estado brasileiro e governos estaduais para com as organizações de defesa dos direitos em conformidade com a letra constitucional. O paradoxo que se afigura entre letra constitucional e o padrão de conduta contrário a ela pelo Estado é um aparente paradoxo. Aparente, não obstante, em nada menos pujante. Assim, não se pode compassar o “bate-estaca” do assunto por algum conjunto de argumento embasado nesse paradoxo aparente. Não é paradoxo o que sustenta essa contrariedade. Antes, trata-se da afirmação reiterada sobre a “cidadania regulada” (Santos, 1998). Ou seja, jamais a oligarquias dominantes conceberam acesso universal à “cidadania”. Na forma da lei, os direitos estão restritos ao conjunto de “cidadãos” assim designados conforme requisitos da *práxis* liberal no Brasil.

¹² A afirmação a seguir objetiva sustentar a expressão “presença alternante”, atribuída ao espaço que diferencia o Estado, no aspecto enfatizado nos termos de Santos (1978, p. 157), e o que devesse ‘Estado’ nos termos deste contexto etnográfico. “O Estado moderno é criação da burguesia. Foi a ascensão burguesa que estimulou as mudanças na concepção de organização social, política e econômica que dariam por terra com uma ordem na qual se reproduziam os vínculos de vassalagem (...)” (1978, p. 157)

¹³ “Liberalismo doutrinário” e “autoritarismo instrumental” entendido no âmbito da produção de W. G. dos Santos, especificamente, em “Práxis liberal do Brasil”, capítulo primeiro em *Décadas de espanto e uma apologia democrática* (1998) e, versão vinte anos anterior, em “Práxis liberal no Brasil: propostas para reflexão e pesquisa”, capítulo terceiro em *Ordem burguesa e liberalismo político* (1978).

Entre maio de 2016 e abril de 2017, as inovações nos padrões e procedimentos de *torturar* percebidas pelos interlocutores foram consideradas respostas demandadas a partir das inovações no padrões e procedimentos de *resistir*. Por parte dos *Secundaristas em Luta de São Paulo*, *resistir* inclui o manejo a seu favor de uma tal medida de imprevisibilidade por modos desestabilizadores em relação à inaptidão imbricadas nos padrões de *torturar* burocratizados para responder em igualdade de criatividade inovadora. O manejo da imprevisibilidade produzida pelos *secundas* configura um espaço de “respiro”. Mas não só.

Esse processo foi apreendido pelos interlocutores como uma dinâmica refém da lógica de algo como um horroroso jogo de respostas. Todavia, “refém” dessa lógica eram os agentes de *tortura*. Portanto, “refém” da própria “presa” da *caça*. Ademais, as respostas às combinatórias imprevisíveis apresentadas nas inovações da resistência *secunda*, soma à condição de “refém” em relação à própria “presa” da *caça* a condição de agentes de *tortura* como “afrentados” pelo tortuoso desafio colocado sempre novamente a cada inovação imprevisível com a qual os *secundas* “horrorizam” seus agentes de “horror”.

Nesse mesmo período, as descrições dos interlocutores de pesquisa sobre o processo da *caça aos secundas* guardavam em si um enigma: que mistura de emoções é essa que torna a consciência da *caça aos secundas* uma razão de medo e, ao mesmo tempo, alguma coisa a mais. Uma mistura esquisita de emoções. Que enigma é esse sobressalente na sensação de “respiro”, no gosto advindo dessa “afrenta” e nesse sentimento de apreciar o “caçador” na condição de “refém” da própria “presa”? Como conceber essa combinação de emoções, o gosto de uma tal apreciação e o sentido desse sentimento?

Sugiro que uma maneira de analisar essa oscilante ambivalência pode ser encontrada ao pensar junto com o conceito cuja síntese máxima, nos termos do autor, combina deleite e horror (Burke, [1769] 2015). Um “deleitoso horror” sintetiza o Sublime como nome para uma categoria estética entre as categorias da experiência cotidiana. Seria uma tonalidade de “deleitoso horror” experimentado ao se perceber na condição de “presa” em uma *caça* na qual, espantosamente, a “presa” controla parte significativa da lógica do jogo. Imanente a essa condição seria experimentar uma tonalidade de sentir vibrar vida apesar do impedimento de sentir viver viva a vida? Torcer o desequilíbrio das regras do jogo, apesar de não o inverter. Portanto, na medida em que a dinâmica da *caça aos secundas* deveio passível de controle parcial, todavia, significativo por parte dos

caçados, então, nesta mesma medida, os *Secundaristas em Luta de São Paulo* reformulam a definição da posição de “presa” na direção de “presa insurrecta”. Um *secunda de luta* que continua *na resistência* apesar da “*cassação*” fazer sentir “baforadas da morte no pescoço” ao longo da *caça aos secundas*, consideraria possível qual forma e modo de insurreição na condição de “presa” diante do impedimento de sentir viver viva a vida e diante da iminência de uma morte dolorosa, horrorosa.

Diante da condição de viver ameaçado pela iminência da morte (e/ou morte do gosto de viver), uma maneira de formular resposta pelos *secundas* talvez poderia ser considerada ao lembrar o consenso quanto à afirmativa “*Não tá [sic] morto quem peleia*”. Depois de acabar de se abismar por se perceber forçado a permanecer *À margem do abismo* (Santos, 2015), uma maneira de formular resposta pelos *secundas* talvez poderia ser espreitada a partir das categorias da experiência cotidiana. Uma maneira de formular respostas pelos *secundas* talvez poderia ser considerada nos termos de uma categoria estética cuja produção de presença frequentemente experimentada gera respostas classificáveis como um “modo sensível de conhecimento” (estética). Talvez, se valer do conhecimento sensorial para interagir com informações a partir da percepção da diferença diante do impedimento mesmo de sequer haver maneira de decodificar tais informações. Informações criptográficas, em um sentido.

O Sublime como categoria estética alocada no fluxo do cotidiano *secunda* na condição de uma entre as categorias da experiência cujas respostas sensoriais que se distingue por interagir com informações criptográficas exatamente pela razão da irrupção iminente da *otherness* por excelência, qual seja, a morte como ‘outridade’ limite. As emoções misturadas nesse limite, nessa fronteira da relação cultura/natura, produzem informações crí(p)ticas passíveis de serem pensadas junto aos *secundas* até lá quanto atingem o ponto de comunicar uma intensidade de vida demasiadamente rarefeita. Entre a iminência da morte e o conhecimento sensorial dessa iminência, os *secundas* experimentam “A morte como quase acontecimento”. Certamente, não nos termos ameríndios descritos por Eduardo Viveiros de Castro (2009). Nos termos *secundas* e na companhia do etnólogo, o modo “quase” se trata de um modo de existência próprio, portanto, uma ontologia própria. A “quasidade” mencionada pelo autor parece-me passível de produzir inteligibilidade antropológica também entre os *secundas* na companhia do Sublime nos termos de Edmund Burke.

Bibliografia

- ABRAMO, H. W. Tematizações sobre a juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, 1997. números 5 e 6.
- _____. *Cenas Juvenis – punks e darks* no cenário urbano. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AUERBACH, E. *Figura*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- BATESON, G. Cybernetic Explanation. In *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago and London: University of Chicago Press, [1972] 2000a (p. 405-415).
- _____. Form, Substance and Difference In *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago and London: University of Chicago Press, [1972] 2000 (p. 454-471).
- _____. Redundancy and Coding. In *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago and London: University of Chicago Press, [1972] 2000 (p. 416-431).
- _____. Social Planning and the Concept of Deutero-Learning. In *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago and London: University of Chicago Press, [1972] 2000 (p. 159-176).
- _____. *Naven: A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. California: Standford University Press, [1936] 1958.
- _____. *Una Unidad Sagrada: pasos Ulteriores hacia una Ecologia de la Mente*. Barcelona: Gedisa, [1991] 2006.
- BATESON, G. e RUESCH, J. *Comunicación*. La matriz social de la psiquiatria. Buenos Aires: Editorial Paidos, [1951] 1965.
- _____. *Mind and Nature: A Necessary Unity*. New York: Dulton, 1979.
- BATESON, G. e BATESON, M. *El temor de los ángeles – epistemología de lo sagrado*. Barcelona: Gedisa, [1987] 1994.
- BATESON, M. C. *Our own metaphor*. A personal account of a conference on the effects of conscious purpose on human adaptation. New York: Knopf, 1972.
- BATESON, M. C. *Como yo los veía*. Margaret Mead y Gregory Bateson recordados por su hija. Barcelona: Gedisa, [1984] 2004.
- BEVILAQUA, C. Etnografia do Estado: algumas questões metodológicas e éticas. *Campos* (UFPR), Curitiba, v. 3, p. 51-64, 2003.
- _____. Entre o previsível e o contingente: etnografia do processo de decisão sobre uma política de ação afirmativa. *Revista de Antropologia* (USP), São Paulo, v. 48, n.1, p. 167-225, 2005.

- BOAS, F. *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis: Vozes, [1911] 2011.
- BOAS, Franz. Sobre sons alternantes. In: STOCKING, George. (org.) Franz Boas. A formação da antropologia americana, 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, [1889] 2004 (pp. 98-104)
- BRITO, S. (org.) *Sociologia da juventude I* – Da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968a. Vol. 1
- _____. (org.) *Sociologia da juventude II* – Para uma sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968b. Vol. 2
- _____. (org.) *Sociologia da juventude III* – A vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968c. Vol. 3
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – As artes do fazer*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, M. R. e SILVA, E. M. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.
- CARDOSO, I. A geração dos anos de 1960. In *Tempo Social*. São Paulo, 2005. v.17, n. 2. p.93-107.
- DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- _____. [et al] (orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, N. “Modelos de jogos” e “Características universais da sociedade humana” In *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FEIXA, C. *El Reloj de Arena – Culturas Juveniles en México*. México: D. R. Causa Jovem/Centro de Investigación y Estudios sobre Juventud, 1998. (Colección jóvenes n. 4).
- _____. Um percurso visual pelas tribos urbanas em Barcelona. In PAIS, J. M.; GUSMÃO, N. M.; CARVALHO, C. *O visual e o cotidiano*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- _____. O quarto dos adolescentes na era digital. In COSTA, M. R. e SILVA, E. M. *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Resistência *versus* existência? Dimensão política das microculturas juvenis. In: DAYRELL, Juarez [et al.] (orgs.). *Família, escola e juventude. Olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

_____. Pela encarnação da sociologia da juventude. In: *Iara*. V.2 No.2 out./dez. São Paulo: 2009.

_____. Cenas juvenis, políticas de resistência e artes de existências. In: *Trajectos*. No.16. Instituto Universitário de Lisboa: 2010.

_____. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. In: *Etnográfica*. V.11 No. 2. 2007

_____. Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada. In: *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*. 2004

_____. Transições para a idade adulta na Europa: idades dos marcadores tradicionais. In: OBSERVATÓRIO PERMANENTE DA JUVENTUDE, 2011.

FREIRE FILHO, J. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE FILHO, J. e BORELLI, S. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

FREITAS, M. (org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez, 2006.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JEOLÁS, L. *Risco e prazer: os jovens e o imaginário da AIDS*. Londrina: EDUEL, 2007.

LA MENDOLA, S. O sentido do risco. In *Tempo Social*, revista de Sociologia da USP, v.17, n. 2. São Paulo, 2005.

LE BRETON, D. *Sociologia do corpo*. Petrópolis, Vozes: 1998.

_____. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. *Antropologia da Dor*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

_____. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, Vozes: 2012.

_____. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v.17, n. 2. São Paulo, 2005.

- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAGNANI, J. G. C. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? *Cadernos de Campo* - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia da USP, ano II, nº2, São Paulo, 1992.
- _____. e TORRES, L. L. (orgs.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____ e SOUZA, B. *Jovens na metrópole – Etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- MANNHEIM, K. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In BRITTO, Sulamita (org.) *Sociologia da Juventude I. Da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.
- MONOD, J. *Los Barjots: etnología de bandas juveniles*. Barcelona: Ariel, 2002.
- OLIVA-AUGUSTO, M. H. Retomada de um legado intelectual. Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. In *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v.17, n. 2, pp.11-33, 2005.
- PAIS, J. M. *Ganchos, tachos e biscates – jovens trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.
- _____. Prefácio - Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In. ALMEIDA, M. I. M. e EUGENIO, F. (orgs.) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- _____. Banda de garagem e identidades juvenis. In. COSTA, M. R. e SILVA, E. M. (orgs.) *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.
- PAIS, J. M. e BLASS, L. M. *Tribos Urbanas – Produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.
- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. In *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 6, pp. 15-24, 1997.
- REGUILLO, R. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 23, pp. 103-118, 2003.
- SANTAELLA, L. *Por que as artes e as comunicações estão convergindo?* São Paulo: Paulus editora, 2005.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*. São Paulo: Duas cidades, 1978.

_____. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

_____. *O ex-Leviatã Brasileiro - do voto disperso ao clientelismo concentrado*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *À margem do abismo: conflitos na política brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

_____. *O Cálculo do Conflito - Estabilidade e crise na política brasileira*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: UFMG e IUPERJ, 2003.

_____. *Paradoxos do liberalismo - Teoria e História*. 1ª. ed. São Paulo: Vértice, 1988.

_____. *Regresso - Máscaras Institucionais do Liberalismo Oligárquico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1994.

_____. *Razões da Desordem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. *Kantianas Brasileiras - A Dual Ética da Razão Política Nacional*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Poder e Política (Crônica do Autoritarismo Brasileiro)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

_____. *Quem dará o Golpe no Brasil?* 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

_____. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2017

_____; MOREIRA, Marcelo. Entrevista com Wanderley Guilherme dos Santos. In: DULCI, Otavio Soares (org.) *Leituras críticas de Wanderley Guilherme dos Santos*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

_____; GUIMARÃES, Juarez. O grande jogo impugnatório. In: GUIMARÃES, Juarez (org.) *Leituras da crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. *Décadas de Espanto e Uma Apologia Democrática*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *O Paradoxo de Rousseau: uma interpretação democrática da vontade geral*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Horizonte do Desejo - Instabilidade, Fracasso Coletivo e Inércia Social*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.) *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, p. 87-127, 2005.
- STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p. 267-304).
- TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., [1994] 2003.
- _____. Observando o familiar. In: _____. *Individualidade e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981a.
- _____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: _____. *Individualidade e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981b.
- _____. Epílogo – Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M. I. M. e EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- VELHO, O. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. In *Mana. Revista de Antropologia Social*. 7(2):133-140. Rio de Janeiro, 2001.
- _____. A pictografia da *tristesse*: uma antropologia do *nation-building* nos trópicos. *Ilha*. 5(1): 5-22.
- VERGER, J. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- _____. “Universidade” In LE GOFF, J. SCHMIDT, C. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN, J. e JACKSON, D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, Cultrix, [1967] 2007.
- WINKIN, Y. (org) *Bateson. Primer inventario de una herencia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, [1988] 1991.
- _____. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.